



# TRIBUNA Livre

23  
FEVEREIRO  
1957

SEMANARIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

PAULO BARBOSA DE MACEDO

ANTONIO JOE DA COSTA

JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

## O novo Director Clínico do Hospital de S. Marcos

### Quando são as virtudes a impôr os homens

O elogio não é para nós sinónimo de obrigação. Fazemo-lo quando o sentido de justiça o impõe e nunca por mera necessidade de criar situações favoráveis.

É por isso que o fazemos poucas vezes.

Ao referirmo-nos elogiosamente ao Sr. Dr. Felicitissimo Campos, agora nomeado Director Clínico do Hospital de S. Marcos, sabemos que vamos ferir a sua modestia. Chocá-lo, ofendê-lo.

Superior, todavia, à sua maneira de ver está a obrigação moral de por a justiça em seu lugar e a social que exige o elogio merecido como estímulo para os que ainda o podem vir a merecer.

A escolha do sr. Dr. Felicitissimo Campos não fôra casual. As circunstâncias exigiam um homem ponderado, sóbrio e prudente, cujo prestígio o impusesse.

O lugar não fôra desejado; terá sido, até, recusado, mas

as virtudes haviam de chamar para si a atenção dos responsáveis e, depois, a necessidade de lhe "impor" a aceitação.

Estamos perante um daqueles homens que pela sua circunspecção, moderação e reserva foge aos lugares, mas estes, precisamente porque os homens com tais qualidades não abundam, perseguem-no avidamente.

A seriedade e o bom senso, a ponderação e a reflexão encontraram ali a sua vivenda segura, como a vaidade, o fausto e a ambição se viram ali perseguidas e dizimadas.

Homem de poucas palavras e de muitas obras, usando a prudência e a cautela para nunca sair da verdade, o que de si sai é pesado, contado dividido—*Mune, thecel, phares*.

O seu coração é, simultaneamente, generoso e bairrista, dois amores que lhe devoram o tempo e os sentidos.

A causa dos humildes tem nele o defensor continuo que sem alardes nem exteriorizações pratica a caridade a todo o momento fazendo da sua pro-

(Continua na 4.ª página)

## Aqui também é Vila...

Actualmente, pedir no nosso Concelho é coisa muito difícil e absurda, principalmente se se trata de melhoramentos para o largo Dr. Oliveira Salazar, mas as necessidades tornam-se tão imperiosas que esperar mais, ao menos para falar, torna-se pouco recomendável e fora de todo o bom senso.

Antigamente... aqui não era vila e punham-se todos os entraves a qualquer melhoramento, sendo fácil alimentar a má vontade das vereações adversas aos interesses deste progressivo

meio, para o que se apontava o autêntico papão... de que só para a vila se poderiam conceder dotações sem o condicionamento a que estavam sujeitas as restantes freguesias.

Neste estado de coisas se tem mantido, num vergonhoso marasmo, tudo o que respeite a melhoramentos para esta localidade, que tão bem vista merecia ser pela Edilidade, pois bem deve notar pelas receitas que lhe entram no cofre—já que outras razões, a fazem sofrer

(Continua na 4.ª página)

## Factos e Comentários

Outro dia, sentado à mesa do café, conversando, soube com satisfação que o analfabetismo, vai rareando. Como fiquei satisfeito!!! Dizia-me um velho amigo, velho na amizade, que não na idade, encarregado, em determinada Repartição pública, do recenseamento de macebos: "Este ano, graças a Deus a percentagem de analfabetos, não chega, sequer, a 3 por cento. Conversei, mais. Mais assuntos, mas este, de capital importância para nós, prendeu a minha atenção. Dei graças ao impulsor do combate ao analfabetismo em Portugal. Pensei em como o Dr. Veiga de Macedo tem já, o nome ligado

à história do Regime.

Pensei o quanto lhe devem os Portugueses. Este homem escreveu, com a mão trémula, do analfabeto reabilitado, qual menino que ensaia os primeiros passos, a letras de ouro, na História de Portugal, uma das suas mais brilhantes páginas. Deu provas de empreendedor. Deu provas sobejas de não querer servir-se, mas servir a Pátria. Assim, essa inteligência luminosa que havia, já reconhecido mérito no notável político, o Senhor Presidente do Conselho, o eminente político cuja ante-visão dos acontecimentos galgou as fronteiras da Europa, chamou-o ao Ministério das Corporações. Lá havia, também, muito que fazer. Havia, não há duvida e muito se tem feito. Mais se fará porquanto, o lugar ainda não aqueceu e a casa está prestes a arrumar-se.

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Regressou à pátria em 1685 e a longa vida de 84 anos permitiu-lhe sobreviver, inteiramente rehabilitado, a D. Pedro II e entrar pelo reinado de D. João V, em que foi conselheiro de Estado.

A este tempo, encontra-se no governo geral do Brasil *Pedro de Vasconcelos*, sustentando com brio a crise das revoltas dos Baianos e os assaltos de piratas e corsários que infestavam os mares do Sul.

Por volta de 1789, reinando D. Maria I, era vice-rei do Brasil *Luis de Vasconcelos*, que se portou com lealdade e brio por ocasião da conspiração de Minas Gerais, intentada pelo célebre "Tiradentes".

Perante a conspiração de 1817, no reinado de D. João VI, *José de Vasconcelos*, que depois foi general e barão de Albufeira, tenta, sem deslealdade à causa da sua pátria, poupar ao suplício o general Gomes Freire de Andrade.

*Luis Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos*, senhor de Entre Homem e Cávado, que nos combates que se travaram em Souto Redondo e Grijó, contra os franceses da 2.ª invasão, encontrando-se a comandar o 16 de Infantaria, levou pela palavra e pelo exemplo os seus soldados a cobrirem-se de glória no dia 11 de Maio de 1809.

Tinha preparado os seus homens com estas falas: "Que sendo como eram valorosos, era chegada a ocasião de mostrarem o seu valor e patriotismo; que era melhor morrer no combate que deixar-se vencer pelo inimigo; que ele coronel ia para a frente deles e que o seguissem; e no caso que vissem que ele se retirava do fogo do inimigo, que o matassem".

Recebeu públicos louvores e aplausos, Beresford e Wellesley.

Este, poderia ser a chave de ouro do presente capítulo, mas já agora vamos um pouco adiante.

Os do apelido de *Dornelas e Vasconcelos* estabeleceram-se na Madeira desde o tempo dos Descobrimentos e daí saíram notáveis figuras, em que duplamente brilham dois nomes de Entre Homem e Cávado, de muito cedo unidos por laços de família.

*Agostinho Dornelas e Vasconcelos* foi apreciado escritor, par do reino, hábil político e diplomata, mais que uma vez embaixador extraordinário e ministro plenipotenciário.

(Continua da 6.ª página)

## Portugal recebeu jubilosamente S. M. a Rainha Isabel II e S. A. o Duque de Edimburgo

Portugal recebeu de uma maneira inolvidável Sua Magestade a Rainha Isabel II de Inglaterra e seu marido Sua Alteza Real o Duque de Edimburgo.

Lisboa, Setúbal, Nazaré, Alcobaca, Batalha, e, finalmente, o Porto, envolveram os régios visitantes em manifestações apoteóticas e delirantes como jamais Chefe de Estado algum recebeu dentro das nossas fronteiras.

O protocolo, com toda a sua rigidez, não impediu que a Soberana auscultasse de perto o sentimento de afecto com que o nosso povo se lhe quis apresentar. A sua graciosidade em breve havia de conquistar tudo e todos irradiando simpatia pessoal que junta à condição régia que entre nós tem tantos admiradores e ao cul-

to pela amizade inglesa, haviam de criar condições a uma jornada de apoteóse verdadeiramente ímpar.

Sobrevivendo ao tempo, os acontecimentos da semana finda não-de projectar-se nas relações entre os dois países tornando-as ainda mais amistosas e íntimas de maneira a que as duas nações delas tirem proveito.

A semana que hoje finda ficará assinalada em letras de ouro na história das relações entre os dois povos e será recordada por longo tempo como acontecimento de primeira grandeza.

Estamos certos de que poucas vezes os régios visitantes terão sido alvos de manifestações tão vivas e carinhosas como aquelas que lhe tributou o povo da sua primeira aliada.

## Esclarecendo

No jornal n.º 57, de 2 do corrente, publicamos uma «Carta de Ateães», intitulada «Quem responde?» de cujo conteúdo discordamos.

Tendo-nos sido enviada directamente para a redacção e versando um assunto que não conhecíamos em pormenor, por dizer respeito a um concelho diferente do nosso, permitimos a sua publicação.

Melhor informados sabemos agora que se trata de um caso que diz respeito à hierarquia eclesiástica com cujas decisões, por princípio, sempre concordamos.

Só, pois, por desconhecimento do caso tratado a publicação se fez e nunca por desacordo ou menor concordância com a jurisdição eclesiástica dignamente dirigida pelo Ordinário da Arquidiocese.

# TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

## Agraciosidade e a feminilidade são as tendências deste ano

Por BARBARA MILLER

Apesar da «cortina de ferro» que protege as colecções dos grandes costureiros parisienses e que faria enveja ao próprio Estaline, sabe-se já que a tendência geral da moda primaveril deste ano é para a graciosidade e para a feminilidade. A cintura volta ao seu lugar e, para satisfação dos fabricantes da especialidade, adorna-se de cintos dos mais diversos feitios.

Quanto ao comprimento das saias, parece não ser provável grande alteração. Dior que no verão passado tentou baixar bainhas, observou, não há muito tempo: A época não é propícia a modificações drásticas».

Enquanto o público feminino aguarda, impaciente, a primeira passagem de modelos da estação, uma revolta em forma vai tomando corpo nos bastidores da alta costura. Chanel rebelou-se contra os regulamentos da «Chambre Syndicale» — o sindicato dos ditadores da moda parisiense — que considerada prejudiciais aos seus interesses e aos dos seus colegas.

É a «Chambre Syndicale» quem traça a linha que preside às relações entre a alta moda e a Imprensa e que organiza o programa das passagens das novas colecções, a sua ordem e duração. Este ano, estabeleceu que as grandes casas apresentassem os seus modelos dentro de um período de quatro dias apenas.

Chanel lançou o primeiro grito de revolta, anunciando que, a despeito da «Chambre Syndicale» ter escolhido Jean Patou para abrir a parada de 1957, oficialmente, na próxima segunda-feira, a sua passagem se realizaria ontem.

Lucile Manguin seguiu-lhe o exemplo, marcando para domingo a sua.

É certo que a alta costura atravessa um período de crise. Germaine Lecomte acaba de fechar — facto que não surpreendeu ninguém, porque, desde o fim da guerra, é uma ocorrência de todos os anos. Até agora, cerca de uma dúzia dos grandes nomes da moda sucumbiu já à exigência crescente dos preços e dos impostos e à gradual redução de clientes.

Entre as duas guerras mundiais, era a rica clientela particular que mantinha de pé a indústria parisiense. Os costureiros inspiravam-se, muitas vezes, na elegante mulher da sociedade para a criação de

uma nova moda ou o lançamento de uma tendência. Hoje — declara um dos «ditadores» — «até as minhas clientes mais ricas hesitam em pagar 10 contos por uma «toilette», quando por metade do preço podem comprar, em qualquer estabelecimento, um vestido pronto a usar».

«Além disso — acrescenta — já não há quem possa comprar todo um guarda-roupa num grande costureiro. Um vestido por estação — começa a ser o hábito. E isso não é o suficiente para manter as nossas casas».

São os grandes armazens de modas de todo o mundo que representam a maior tábua de salvação da indústria em perigo. Metade do negócio da alta costura parisiense deve-se a eles.

Desde o fim da última guerra, apenas um trio conseguiu arriscar-se e vencer: Dior, Givenchy e Balmain. O próprio nome famoso de Jaques Fath não chegou para salvar da ameaça da ruína a sua casa, que, desde a sua morte, é di-

## O novo regulamento sobre o uso de fatos de banho nas praias

Por portaria de 28 de Novembro do ano passado, assinada pelos Ministros da Presidência, Interior, Marinha, e Comunicações, foi nomeada uma comissão para rever a actual regulamentação sobre o uso de fatos de banho nas praias e piscinas do País, a qual foi composta pelo capitão de mar

rigida por Geneviève Fath, a viúva. Enfrentando corajosamente a situação, Geneviève resolveu baixar os preços e, para reduzir as despesas, viu-se obrigada a despedir 150 empregados. Antes de fechar, Germaine Lecomte despediu quase 400 «midinettes».

Apesar deste quadro sombrio e do futuro incerto, Guy Laroche e Geo Bilman, dois novatos, decidiram desafiar o destino e participar na grande aventura. As suas primeiras colecções são apresentadas na próxima semana.

Segundo os conhecedores, Laroche é uma esperança. Jovem e simpático, trabalhou durante algum tempo com Jean Dessèrie, em Nova York, para um grande armazém de modelos em série. Dele se espera uma moda prática, alegre e viva.

e guerra sr. Rui Isaias Newton da Fonseca, capitão do porto de Lisboa como presidente e representante do Ministério da Marinha; pelo sr. Dr. Jorge Felner da Costa, chefe da Repartição de Turismo, como representante do Secretariado Nacional de Informação; pelo sr. Artur Martinho Simões, chefe da 1.ª Repartição da Direcção-Geral da Administração Política e Civil, como representante do Ministério do Interior; e pelo sr. major Jaime Fonseca, comandante da Polícia da Administração-Geral do Porto de Lisboa, como representante do Ministério das Comunicações.

De acordo com o artigo 1.º do decreto-lei n.º 31.247, de 5 de Maio de 1941, a comissão propôs superiormente a nova regulamentação que foi aprovada pelos Ministros do Interior e da Marinha e que, para conhecimento público, a seguir se transcreve:

1.º — É proibido o uso de fatos de banho que não obedeam às condições mínimas, oficialmente fixadas, nos termos seguintes:

a) *Fato para senhoras* — O fato de banho para senhoras deve ser inteiro. O calção se-

rá justo à perna e de corte direito. A frente do fato deve cobrir a parte anterior do tronco não podendo o decote ser exagerado a ponto de descobrir os seios. As costas poderão ser decotadas, sem prejuízo do corte das cavas que deve ser dirigido às axilas.

b) *Fatos para homens* — O fato de banho para homens pode ser inteiro, de camisola, calção ou só de calção. Em qualquer dos tipos, o calção deve ser:

1) De corte direito;  
2) Justo à perna, com reforço interno na parte da frente ou

3) Usado com «trousse» interna;

4) Justo à cintura, cobrindo o ventre.

2.º — Não é permitido o uso de fatos que se tornem imorais pela sua transparência ou pela excessiva elasticidade do tecido.

3.º — As raparigas até 10 anos e aos rapazes até 12 não é aplicável o disposto no n.º 1.º, excepto nos casos de desenvolvimento precoce.

4.º — As infracções do disposto nos números anteriores são punidas com a multa de 30 a 5.000\$00, de harmonia com o disposto no artigo 3.º do decreto-lei n.º 31.247, de 5 de Maio de 1941.

## Conselhos de beleza

— Quando for fazer a limpeza do fogão ou qualquer outra coisa gordurosa, encha de sabão as unhas para que não fiquem pretas e sujas.

— Descaque sempre, com as mãos molhadas, as batatas, cenouras e frutas, porque assim não ficarão manchadas.

## CULINÁRIA

### Sopa de puré de agridões

Numa caçarola passam-se, por 50 gramas de manteiga, 400 gramas de folhas de agridões bem frescas, juntam-se 8 decilitros de caldo de carne e mais 300 gramas de batatas cortadas aos bocados. Em estando as batatas cozidas passam-se por uma peneira fina. Adicionam-se 2 decilitros de leite e uma colher, das de sopa, de manteiga antes de servir. Como guarnição 50 gramas de folhas de agridões, que se junta à sopa 5 minutos antes de a servir.

### Pudim de bacalhau

Coze-se uma porção de bacalhau e de batatas. Depois de cozidos cortam-se em pedacinhos miúdos.

Em seguida, num prato de ir ao forno, coloca-se o bacalhau e as batatas em camadas alternadas misturadas com manteiga e um fio de azeite.

Conforme se vão pondo as camadas de bacalhau e batatas vai-se-lhe dando a forma de um pudim.

Por cima põe-se pão ensopado em leite, pulvilha-se tudo com pão ralado e vai ao forno a alourar.

É um prato fino e barato.

### Roast-bife

Toma-se um bom traço de carne da rabada ou vazio sem osso e tempera-se simplesmente com sal e pimenta e uma pequena quantidade de vinagre.

Coloca-se a carne numa pingadeira e leva-se ao forno. Retira-se de vez em quando, deixando-a arrefecer um pouco e leva-se de novo ao forno até ficar levemente assada.

Deve ficar menos passada que a carne assada devendo, ao ser trinchada, vertir algum sangue.

Serve-se quente ou fria. Pode ser acompanhada de arroz.

## — SOBREMESA —

### Pudim de laranja

Descascam-se 12 laranjas de modo que não fique nada da entrecasca.

Picam-se, cozem-se e misturam-se 450 gramas de açúcar, uma colher de sopa de manteiga, canela em pó noz-moscada q. b.

Unta-se uma forma com manteiga, deita-se-lhe a massa dentro e leva-se a forno brando

## Anseio

Hei-de um dia quebrar estas cadeias  
E despir este manto de ilusão  
Hei-de soltar finalmente o coração  
E refugiar-me, acochado, nas aldeias.

Hei-de percorrer, sózinho todo o vale  
E vaguear, alucinado, pelos campos  
Hei-de ver o fulgor dos pirilampos  
Escondidos, a medo, no ervaçal.

Hei-de calcar então estes fulgores  
Esta vida, este rumo, estas cores  
Que, para mim, foram sempre só tortura.

E quando voltar de novo a confiança  
Hei-de mandar-lhes de presente e de vingança  
Os laivos que me restem d'amargura!

Braga, Fevereiro de 1957

Manuel Bastos

## ALFAIATARIA "BELCORTE" DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confecciona fatos para **HOMEM, SENHORA e CRIANÇA**  
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

**PREÇOS MÓDICOS**

**Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE"**

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARÉS

# TRIBUNA do CONCELHO

## Um pouco sobre as actividades locais

Somos dos que acreditam no progresso desta terra embora conheçamos as dificuldades que sempre opõem ao seu desenvolvimento.

Temos a certeza de que a sua vontade de progresso é força indomável que há-de prostar os homens adversos por que muitos e bons são os homens que prefazem a sua força.

Perante o mundo de inércia que mãos aziagas fizeram cair sobre o concelho, nós vamos continuando o nosso progresso graças ao esforço de um povo que se não reverencia perante a irresponsabilidade.

As nossas construções continuam à excepção daquela que pressurosamente foi embargada e que não mais recebeu a tão desejada ordem de reinício.

Mas vão-nos chegando notícias de que o próximo verão animará ainda mais o nosso meio com outras construções e obras de ampliação.

Nas casas novas devem erguer-se mais duas, o estabelecimento do sr. Manuel Tomé Gonçalves e as velhas casas dos «Victorianos» devem sofrer radical transformação e junto à escola oficial teremos pelo menos mais uma construção.

O progresso de hoje é fruto de compras de terrenos feitas há meses, como o progresso de amanhã será o fruto das actividades de hoje; para não pararmos no caminho que escolhemos temos de conseguir novos terrenos para novas construções.

Estaremos em vias de o conseguir?

A resposta é superior à nossa vontade, contudo, e sinceramente se confessa, acreditamos na vitória dos superiores interesses da terra e na compreensão do sacrifício de todos.

### Agradecimento

O abaixo assinado, na impossibilidade de agradecer pessoalmente às pessoas amigas que se interessaram pela sua saúde quando da intervenção cirúrgica a que ultimamente foi submetido na casa de saúde do Sr. Dr. Guilherme Lopes, vem por este meio muito reconhecido e grato agradecer a todos.

António Maria Monteiro

## Amores

Depois de breves férias em casa de seus pais, regressou a um quartel da capital, onde está cumprindo o serviço militar, o nosso amigo Raúl Esteves Gomes, desta Vila, e que, alinhou durante este período pelo grupo representativo da

Vemos, com incontida satisfação, haver já quem esteja à espera de um pouco de terreno para construir, com mais satisfação ainda recebemos a comunicação de mais uma pessoa desta terra disposta a dispensar algum terreno para que tudo se consiga.

São gestos desta natureza que criam ânimo para novos empreendimentos apesar do desgaste que tantas contrariedades criam.

No lugar Novo a venda de terrenos deu um pequeníssimo prejuízo, como poderão ler neste local logo que se opere uma medição que falta fazer. Podia dar lucro se essa fosse a intenção.

Nem o prejuízo nem o lucro são factores que contem frente à satisfação dos interesses da terra e de alguns que viram realizada a sua aspiração de ter uma casa.

Relembrem o que era aquele terreno e o que ele representa hoje e concluirão da responsabilidade que pesa sobre os que os têm e podem vender.

Há deveres sociais que contam e este é tão grande e tão premente que o Estado caminha decididamente ao seu encontro—tão decididamente que já uma simples empresa pode expropriar desde que seja para habitações.

São deveres inadiáveis, mas mais prementes, ainda, para nós, são os deveres que servem simultaneamente a Grei e a Terra.

Quando faleceu o último dos fundadores dos Bombeiros escrevemos: «mais do que a sua prole, há-de ser a Associação que ajudou a criar, a eternizar o seu nome».

A todos diremos: além de tudo o mais os serviços prestados à terra satisfazem os homens e agradam a Deus.

Casa do Povo da Feira Nova, no Campeonato Distrital da F.N.A.T. actuando sempre com muito agrado nos desafios em que tomou parte.

Os desejos de boa viagem e um feliz regresso, são os votos sinceros dos seus colegas de equipa.

A.A.

## Futebol

Convidam-se todos os elementos do Grupo Desportivo «Os Leões d'A Modelar», a comparecerem no Campo de Jogos Luis Calheiros de Abreu, no dia 3 do próximo mês de Março, pelas 10 horas, a fim de dar início à sua preparação com vista aos futuros encontros amigáveis.

## Casamento

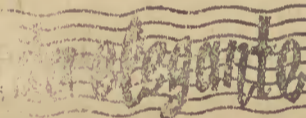
No Templo do Sameiro, no passado dia 9 do corrente o nosso prezado Sr. Domingos José Dias, filho da Sra. Maria Augusta da Costa e do Sr. António Bento Dias, conceituado fornecedor de materiais de construção desta vila, consorciou-se com a gentil menina Teresa de Jesus Gonçalves filha da Sra. Antónia da Conceição Ramalho e do Sr. Valério Gonçalves, proprietários da freguesia de Valdozende.

Foi celebrante o Rev. pároco da freguesia de Valdozende Sr. Padre António Figueiredo e serviram de padrinhos o Sr. João Batista Gonçalves e sua esposa, tios da noiva.

No final da cerimónia religiosa, foi servido no Hotel do Sameiro um lauto almoço, ao qual assistiram muitos convivas.

Aos brindes o Sr. Padre António Figueiredo, pôs em evidência as qualidades dos noivos, e desejou-lhe muitas felicidades.

«Tribuna Livre» deseja ao novo lar as maiores prosperidades.



## Aniversários

No pasado dia, 15 fez anos a menina Maria do Sameiro Dias da Silva.

Na passada Quinta-feira—O menino Victor Carlos de Abreu Barbosa de Macedo, e o Sr. António Pereira de Araújo.

Sábado—O Sr. João Batista Pereira Janela.

Domingo—A Sra. Teresa de Jesus da Costa e o Sr. António Inácio Martins Dias.

Segunda-feira—O Sr. António de Barros Azevedo.

Quinta-feira—Os Srs. João Gonçalves e Francisco Gonçalves.

Sexta-feira—A gentil menina Durvalina de Barros Azevedo.

Sábado—A Sra. Delfina Fernandes da Rocha.

### António Gomes da Silva Briote

Passa hoje o seu aniversário natalício o Sr. António Gomes da Silva Briote, brioso, comandante do Posto da G. N. R. em Amares.

### Dr. Eduardo Gonçalves

Fez ontem anos o Sr. Dr. Eduardo Gonçalves, Presidente da Comissão Conselha da U. N. e Subdelegado de Saúde.

Ao nosso prezado amigo, que estimamos de uma maneira particularmente íntima e sincera, desejamos as maiores felicidades.

### Visado pela Censura

## Saivé dia 23-2-57

Passa hoje o seu aniversário natalício a Sra. Leonilda Marques Ferreira Gonçalves, extremosa esposa do nosso conterrâneo e conceituado comerciante na praça de Lisboa, António de Barros Gonçalves. «Tribuna Livre» deseja-lhe as maiores venturas.

## Lago

A abertura da «Tribuna de Vila Verde» dizia:

«Muitas pessoas há que não olham aos locais em que caluniam, sejam eles templos sagrados, tabernas, ou...»

E mais adiante: «A sociedade tem de se expulgar desses elementos que pela sua maldade, inveja e ambição são elementos perniciosos...»

Muito bem, senhor D. os tempos, vão, na realidade, muito maus. Tão maus, que os caluniadores caluniam, não olhando, como o senhor diz, se fazem em templos sagrados, e depois (suprema ofensa ao local) com um descaramento que causa náuseas, dizem do mesmo sítio que é mentira terem dito o que toda a gente ouviu...

Senhor, Senhor! Quão mal te serve os que deveriam dar o exemplo.

### Processo enviado a Tribunal

Foi apresentada a queixa no tribunal contra o Padre Joaquim Ferreira, pároco desta freguesia, por injúria e difamação.

### Para Lisboa

A assistir à recepção e festejos em honra da Rainha Isabel e Príncipe consorte, seguiram para Lisboa, as senhoras:

D. Beatriz Portela, D. Rosa Soares Vieira Pires, D. Aida de Sá Teixeira e sua filha menina Ilda Teixeira.

### Informação

Podemos informar o Sr. Manuel da Costa Pereira (nome suposto que assinou a carta a que nos referimos na última correção) de que o Sr. António de Sousa Peixoto, (o cavalheiro atingido) já conseguiu a carta de condução de pesados.

E assim o Sr. anónimo, não conseguiu mais que fazer gastar muito dinheiro... e esperar muitos meses.

Que tristeza Costa Pereira, que nem és Costa nem Pereira, nem tão pouco Manuel.

### Regresso

De Lisboa, onde mais uma vez teve de se deslocar com o fim de conseguir carta de condução de pesados, regressou o Sr. António de Sousa Peixoto, digno Presidente da Junta desta freguesia. Tem sido viva-

mente felicitado pelos seus inúmeros amigos.

### Doentes

Sabemos encontrar-se adoentados na sua residência no Porto, o Sr. José António Soares bem como sua esposa D. Rosalina Ribeiro Soares.

Rápidas melhoras lhes desejamos.

J. P.

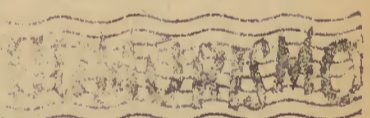
## TORRE

### Menores imprevidentes

Quando andavam no exercício da caça, na quinta da Tapada, munidos duma espingarda improvisada de um cano e sem licença, Adelino da Rocha Fernandes, de 12 anos e seu irmão António Joaquim da Rocha Fernandes, de 16 anos, da freguesia da Torre, após uma divergência havida com o menor António de Almeida Ribeiro, de 15 anos, morador na Quinta da Tapada, o Adelino desfechou essa arma contra este menor, atingindo-o com alguns bagos na região frontal.

Procedeu assim, depois de o António Fernandes ter deitado um pouco de clorato na espoleta da referida arma, provocando a explosão.

Foram entregues a Juízo.



### Não acredita

Um velho camponês, cavando a terra, arquejava e suava por todos os poros.

Vendo-o naquele estado um zeloso padre, e querendo dar-lhe algumas palavras de consolo, diz-lhe:

—Sofra tudo isso com paciência, que descansarás no paraíso.

—Descansarei no paraíso? Então o sr. padre acha que eu vou lá ficar de perna cruzada? Eu já me parece estar ouvir nosso Senhor a dizer-me:

Filipe, vai acender as estrelas; «Filipe, vai fazer luzir o sol; Filipe, espana-me essa lua; abre as torneiras da chuva».

### Feiinha é...

Ao sair do quarto duma doente, o médico diz ao marido:

—Sabe? Não gosto nada da cara da sua esposa...

—Olhe, sr. Doutor—respondeu o marido—lá que é feiinha, é, mas foi sempre muito carinhosa comigo e com os filhos.

## CRÍTICA CINEMATOGRAFICA

## Alfred Hitchcock e a emoção

1

ALFRED HITCHCOCK, em pessoa, é igual a todas as outras pessoas: é um ser comum. Igual a tantos homens e, por outro lado, diferente de muitos homens, fisicamente falando. É um sujeito gordo, baixote, calvo, cinquentenário, galhofeiro, com um rosto bojudo, alegre e simpático. Quando pode dormir bastante e tem sempre uma piada na ponta da língua. Muitas das «vedetas» da tela, que têm trabalhado sob suas ordens, dizem da sua simpatia e do seu valor. Na intimidade tratam-no por «Hitch».

A imprensa, os críticos, os homens que falam e discutem cinema, aplidam-no de «O terrorista da tela», o «mestre da angústia», o «rei do Frisson», o «campeão do Thriller», o «Recordman do suspense»... Hitch lê tudo isto e ri-se, não pode deixar, verdadeiramente, de sorrir. Ele sabe o que vale, mas também sabe onde se enganam a seu respeito. Mas não diz nada. Mr. Hitchcock vai fazendo filmes. Assim se exprime. E', não há dúvida nenhuma, um Mestre, um artista que, como nenhum outro, nos sabe contar uma boa história policial, um arripiante drama de espionagem. Com um estilo superior ao de Fritz Lang, com um expressionismo mais real e verdadeiro que Pabst. E' tão ou mais metuculoso que Cecil B. de Mille, o construtor de grandes espectáculos.

O seu primeiro filme data de 1926. Feito na Inglaterra, de onde é oriundo. A atmosfera de seus filmes e o estilo da sua arte, devia ele explicar alguns anos depois da sua estrela como director:

*Quero dar ao público choques emocionais completamente são. A civilização tornou-se, a este respeito, tão protectora que não nos é possível sentir instintivamente tais sensações de angústia. Entretanto, há ainda uma possibilidade de provocar artificialmente essas sensações, e o cinema é o melhor meio para obter este resultado.*

E Hitch, através do cinema, tem dado à humanidade, sedenta de sensações, muitos bons espectáculos, tais como: «Sabotage», «A corda» (desconhecido em Portugal), «Sob o signo do capricórnio», com Ingrid Bergman e Josef Cotten, «Um barco e nove destinos», «Rebeca», com Joan Fontaine e Lawrence Oliver, «Confesso», Montgomery Clift e Anne Baxter, «Suspeita», «O homem que sabia demais», com James Stewart, «Chamada para a morte» com Ray Milland e Grace Kelly, etc.

Evidentemente que Hitch é um cineasta para quem a combinação das imagens não tem segredo algum. A sua maior virtude está na simplicidade de processos com que se serve para nos contar uma história e, como verificamos em «A Janela Indiscreta», encaminhá-la num sentido de extensão, de modo que a filmagem, contínua, em perfeito golpe de vista, coloque o espectador integrado na acção da película. Consegue, prodigiosamente, desta maneira, variantes estupendas no ritmo e na orquestração cinematográfica de «A Janela Indiscreta».

Durante uns longos dez minutos, no princípio do filme, depois de a câmara nos arrastar até ao peitoril da janela, Hitchcock faz correr a máquina em andamento seguido, sem que uma contracção perturbe o nosso campo visual. A nossa atenção fica, desde logo, concentrada para o resto da película. Cenas inteiras, sem uma interrupção, nos dominam completamente por um jogo de movimentos pendulares. Nada de ângulos. Em frente da câmara há apenas objectos, coisas, seres, insignificâncias, às quais o notável realizador dá um valor de grande sentido cinematográfico.

(Continua no proximo número)

## BARBEARIA MODESTA

— DE —

## SILVAS &amp; FERREIRA, L. DA

Participamos aos nossos amigos e clientes, que abrimos na Trav. do Arco da Graça, 22 (ao Martim Moniz) um novo estabelecimento de Barbearia, sob a gerência do nosso conferente Sr. A. J. Ferreira, ex-gerente da Barbearia do Bêco do Cascalho.

LISBOA

## TABELA DE PREÇOS

Cabelo e Barba . . . . .	4\$00
Cabelo . . . . .	3\$00
Barba . . . . .	1\$00

Desde já agradecemos uma visita de V. Ex.os

## Aqui também é Vila...

(Continuação da 1.ª página)

de miopia,—que esta terra é digna de ser bem tratada e que será repugnante injustiça negar-lhe os mais essenciais direitos e a satisfação das mais rudimentares necessidades.

É «voz que clama no deserto», este nosso apelo, mas nem por isso devemos abafar a voz em covarde consentimento.

A comparação é meio óptimo para avivar ideias e esclarecer situações.

Ao passarmos no Largo D. Gualdim Pais desta Vila e ao percorrermos todas as suas artérias, nota-se certo esmero nos passeios e na pavimentação dos arruados; e também já ali se vêm satisfeitos outros melhoramentos de primeira necessidade, como sejam, os mictórios e sentinas, que tanta falta fazem no grande largo Dr. Oliveira Salazar, indubitavelmente o mais necessitado destes e doutros melhoramentos de saneamento que a Câmara tem votado ao maior desprezo.

Mas o que nos levou a escrever estas linhas, embora de antemão convencidos de que pouco ou mesmo nada poderão influenciar ou estimular, já não digo sentimentos de generosidade, mas ao menos de rudimentar justiça, foi o lastimável estado em que se encontram muitas das artérias deste populoso largo, mais visitado do que o Largo D. Gualdim Pais e que mais reclame portanto poderia fazer do nosso Concelho, mas que decididamente não faz, pelo vengonhoso lamagal em que os visitantes vêm enterrar o seu calçado habitado a andar limpo noutras localidades. Acabe-se com esta criminosa negligência em tudo que é de administração pública. Sigam ao menos as autoridades, para se não tornar tão evidente o seu desmazelo, o exemplo dado pela iniciativa particular, que a não ser ela, esta importante parte da Vila — digamos mesmo, com justiça, parte essencial da Vila de Amares — seria hoje uma atrazada aldeia sem importância, e por conseguinte, Amares não se teria engrandecido com um centro importante, envejado mesmo por outras terras.

Que estranhos ao Concelho sejam mesquinhos no engrandecimento da sua terra, ainda se admite, mas que os próprios amarenses sintam prazer em diminuir o valor da sua terra, não fazendo face às mínimas condições da decência, como se está a passar no mais importante centro do Concelho, chega a ser repugnante, para não irmos mais longe em expressões bem mais adequadas para o caso.

Precisavamos de espíritos desempoeirados, que não sofressem de miopia de espécie alguma, defeito que tanto tem prejudicado este ridendo Concelho, que poderia ser hoje um dos mais progressivos, ter uma vila das mas belas, que não se envergonhasse de receber visitas, mas pelo contrário, se sentisse orgulho em mostrar-lhes, não só as belezas naturais pouco vulgares, mas também os seus Largos e as suas artérias igualmente alindados e limpos, sem descer à triste condição

## Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

## João António Fernandes Vilela

Acaba de ser submetido a uma intervenção cirúrgica o nosso particular amigo e digno delegado deste semanário no vizinho e próspero concelho de Vila Verde, Sr. João António Fernandes Vilela. Por tal motivo cabe aqui manifestar-lhe o nosso profundo pesar, mas regozijando-nos, ao mesmo tempo, pois sabemos encontrar-se já em franca convalescença.

Que as suas melhoras sejam rápidas e duradouras, são os votos de «Tribuna Livre» e amigos!

## Barbara mortandade de canídeos em Vila Verde

Quarta — feira logo de manhã, quando atravessávamos a nossa Vila, deparamos com inúmeros canídeos mortos, num espectáculo horrível, em nada lisonjeiros para o autor ou autores de tal proeza. Deve andar por uma dezena o número daquela espécie barbaramente «envenenada». Ora, isto é um tremendo mau exemplo para as crianças da escola primária, pois alguns dos infelizes animais ficaram «estirados» junto do edifício onde funciona aquela escola, e ELAS, que nos merecem todo o respeito como homens de amanhã, sabem muito bem que foi a maldade dos MAIORES a causa de tamanha mortandade. Não está bem. Não faz sentido. É intolerável coisa assim, hoje que os povos estão mais ou menos civilizados. Mas... ao que parece! nem «cheta» dela...

Se, na verdade, há cães «vários» não é a qualquer que compete proceder desta forma. Pelo contrário, cabe às autoridades administrativas e só elas, o direito de as capturar em canis e avisar os respectivos donos, a quem, mediante o pagamento das des-

de não haver onde decorosamente possam satisfazer necessidades fisiológicas inadiáveis.

Para vargónha já basta: que os factos desmintam futuramente este nosso pessimismo, são os nossos maiores desejos.

EME

pesas efectuadas com a sua detenção, serão entregues. E só depois desta diligência, verificada a vadiagem e consequente falta de matrícula camarária, abater-se-ão sem escândalo público.

Fica aqui o nosso veemente protesto contra os «maladores de cães» e oxalá que as autoridades indaguem a descoberta do crime, punindo o criminoso.

NARJOGON.

## O novo Director Clínico do Hospital de S. Marcos

(Continuação da 1.ª página)

fissão autêntico sacerdócio.

Adverso à publicidade mesmo assim o seu nome tornou-se, de há muito, o consolo dos pobres e desprotegidos que sabem ter no seu consultório uma porta aberta para mitigar os seus sofrimentos e as suas dores.

A todos atende igualmente, independente da remuneração e numa caridade cristã que nunca é de mais exaltar; tem a preocupação de os seus actos não serem conhecidos para não serem louvados—o elogio ofensivo, diremos até, envegonhador.

Quando a sua terra precisa surge a ajudá-la tendo uma opinião final que nunca é desprezada.

A moderação e a prudência não significam a falta de actividade, como a ponderação e a reflexão não excluem decisão.

Devem-se-lhe muitas e grandes obras a que não falta velocidade na concepção e brevidade na realização, simplesmente tudo é feito na certeza daquela frase: *Festina lente*—apressa-te lentamente.

## Grémio da Lavoura de Amares

## Aviso à Lavoura

Convidam-se todos os lavradores do concelho, a comparecerem no Grémio da Lavoura, na próxima quarta-feira, dia 27, pelas 15 horas para tratar do seguro dos gados.

## Restaurante e Pousada da Abadia

Aluga-se a pessoa que saiba bem receber e bem servir. Tem casa para moradia. Condições vantajosas.

Falar em Bouro, na Casa Almeida & Silva, telefone n.º 3865.

Esta iniciativa acompanha o grande plano de melhoramentos a realizar no local do Santuário e estradas.

O Secretário,

António Almeida

# Tribuna Desportiva

## Comentando os nacionais da I e II divisão

No próximo domingo terminará a primeira fase do campeonato nacional da II divisão ficando apurados, da zona norte, para a segunda fase o Salgueiros, o Braga e o Guimarães.

A classificação, confessemo-lo com sinceridade, diz abertamente com o valor actual das equipas, o que nem sempre acontece.

Só o Braga, com um início frouxo, não sentirá que de momento merece o segundo lugar. Em verdade a turma minhota é neste momento a que se encontra em melhor forma e a julgar pela actualidade, o 1.º lugar assentar-lhe-ia a primor.

Mas como o que mais interessa é a passagem à segunda fase pode dizer-se que o apuramento está bem por incluir os três melhores.

A estes três nortenhos oporá o sul o Farense, o Montijo, e, possivelmente, o Corunchense.

No dizer unânime da crítica o norte tem propondência e dentro do norte o Braga joga mais.

Julgar assim é compôr as coisas com muita facilidade sem reconhecer que em desporto a gloriosa incerteza é tudo.

O sul tem o seu favor a exiguidade dos terrenos e o ambiente, ajudado pelas grandes distâncias que não permitem a deslocação de

falanges de apoio.

O norte tem contra si o valor aproximado das suas turmas que hão-de liquidar-se mutuamente deixando aos outros uma possibilidade.

Depois temos o desaire próprio duma tarde de infortúnio.

Mas, como nem só de pessimismo vivem os homens, ficaremos a pensar em que o melhor será o primeiro, e o melhor, lá diz o Barrigana, é o nosso.

Na primeira divisão o Porto vai a Lisboa fazer um desafio de importância quase decisiva, enquanto o Benfica beneficiará da baixa actual do Setubal.

O ponto que os separa é bem pouco para poder garantir um campeonato.

Se a lógica predominasse o Porto bem poderia tranquilizar-se tanto mais que a sua actual forma lhe garante «um lugar ao sol», mas a lógica, batata furtiva, não nos diz tudo e até neste caso, diz-nos muito pouco.

Porque a lógica diz com o bairismo, neste caso nortenho, vamos pelo seu triunfo final para assistirmos a mais um S. João nas Antas.

Os últimos começam a sentir, uns aflição e outros desalento.

O União de Coimbra e o

## Do velho Mosteiro de Pitões

(Continuação da 6.ª página)

Isso mesmo se infere da própria Doação que o Arcebispo Gládila lhe fez. Daí concluímos, sem remoque, que o Mosteiro de Trubia não era pertença agostiniana, e, conseqüentemente, não era frade agostinho o referido Gládila que tomou hábito e professou no dito Mosteiro.

Este argumento é conclusivo, e a lógica acampanha-o.

Esta digressão—parecendo uma «fuga» ao assunto em epigrafe e em nota de estudo—restitue à Ordem beneditina um monge que foi seu e que honrou a galeria ilustre dos Prelados da Mitra Bracarense, tão benemérito como insigne, e que a História recolheu como o «santo Arcebispo de Braga, Gládila».

—E o nosso Mosteiro de lunhas—de Junhas—das Júnias, ou de Pitões, como agora já lhe chamam?

Esse era beneditino como ficou demonstrado na pequenina notícia que deixamos a todos quantos ignoravam ou asseveravam outra origem a esse relicário venerando que jaz no meio destas serras... à mercê dos tempos, esquecido, apenas com liquens e silvado a

Almada olham para o descida de divisão que têm como coisa certa, enquanto o Chaves, o Tirsense e o Estoril tentam a fuga ao penúltimo lugar.

O Atlético, na I divisão parece sentenciado enquanto Caldas e a Covilhã decidem entre si quem será o do jogo de passagem.

Pouco falta para que tudo se decida e até lá diremos como o adivinho «Deus super homnia».

## Conhecem-no?! Acautelem-se.

(Continuação da 1.ª página)

Triste verdade dos nossos tempos é esta verdade nua e crua.

No conceito individual conbafajar-lhe a existência secular...

No «Catálogo das Igrejas do Arcebispado de Braga»—feito no tempo em que nem se sonhava com a criação da Diocese de Vila Real—encontra-se esta referência ao multi-secular Mosteiro:

«Santa Maria de Lunhas, Mosteiro da Ordem de Cister, é possuído como Igreja e visitado o Arcebispo de Barroso; tem anexa S. Rosendo de Pitões».

E vamos concluir hoje esta notícia, agradecendo as atenções recebidas e as facilidades concedidas por S. Ex.ª Rv. mo o D. Abade de Singeverga, a quem enviamos o nosso profundo agradecimento e o mais sentido respeito.

E tu, velho Mosteiro, fica-te a perpetuar a Ordem de S. Bento.

Contigo ficará o seguinte dístico: — «lungitua Osseirae lunhas ut pampinus ulmo, grana botri veluti quem tulit, ossa vigent».

B. Ribeiro

tam-se como pérfidas muitas pessoas que, perante o vil que as apontou, são vasos de pureza. E há o inverso:—muitos daqueles que mantêm em elevado conceito não passam de refinados quadrilheiros da moral e dos costumes.

Não há duvidas. Temos de conhecer o inimigo, desmascará-lo, combatê-lo.

O mundo não pode viver entregue a essa praga de invejas, de hipocrísias, de caracteres deformados, de tanta falta de senso comum e de coerência!

Apaguemos os incêndios que afligem a sociedade, evitemos tanta miséria, tanto luto e tanta dor!

Para isso há que dar guerra sem tréguas aos inúmeros vendilhões do século que vagueiam em todas as camadas sociais para queimarem o mundo!

E continuaremos, se Deus o permitir, com esta secção. Já agora temos a certeza de que «despertou» curiosidade e de que se torna necessária... E se houver alguém que nos diga importuno, que tenha paciência... são mais umas «injecções», e pronto!...

B. Ribeiro

## Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Folhetim da "Tribuna Livre,, 9

# SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—E onde vamos, depois?

Ainda não sei, mas depois combinamos.

Eu gosto muito do imprevisto...

—Ah! sim?

—É como lhe digo.

E agora vá jantar que eu vou fazer o mesmo.

—Podia convidar-me para jantar consigo.

—Ficamos os dois com fome.

E sempre ouvi dizer que despedir um santo para vestir outro é rematada tolice!

—Assim está com tanto apetite?

—Apetite não, o que tenho é vontade de comer...

—Então até logo, às quatro horas.

—Agora vá direitinho para casa e não diga à outra pequena que pensou muito nela em Lisboa...

—Não podia dizer isso, visto que só pensei em si!

—O tempo é que há-de provar essa afirmação.

—É tudo o mais que eu lhe disser.

E agora deseje-lhe bom apetite.

—Obrigada... e o mesmo lhe desejo!

José e Maria Teresa separaram-se, indo um para a sua respectiva casa satisfeito e feliz—pois, na verdade, já há muito que gostavam um do outro e, por isso, estavam ansiosos de se namorarem.

As quatro horas, como haviam combinado, os dois namorados encontraram-se e resolveram ir passear para os margens do rio Cávado, onde de tarde, costumavam estar muitos namorados a fruir a frescura da água e a amenidade da viração, que sempre junto do rio, e a fazerem solenes promessas e juramentos de mútua felicidade.

Como, porém, estivesse um barco livre, saltaram para dentro e vogaram rio acima pegando o José na comprida e delgada vara de pinho para o conduzir, conforme a sua bizarra fantasia e comuns desejos.

Num verdadeiro colóquio de amor e de poesia percorreram os mais sedutores e aprazíveis lugares do rio e, assim, passaram o resto da tarde num luminoso sonho cor-de-rosa, de que não desejavam despertar...

Porém, como nem sempre tudo corre à medida dos desejos de cada um, uma vez por outra, José e Maria Teresa despertavam do enlevado sonho e aproveitavam o tempo para fazerem os comentários que a digressão lhes sugeria:

—Que linda tarde está hoje, José—disse, radiosa e feliz, a namorada.

—Na sua adorável companhia, para mim todas as tardes são lindas, encantadoras e deliciosas—respondeu-lhe o José.

—Oh! o que aí vai...

—E o caso que não é para menos!

—E pode saber-se a razão?

—Sim, Maria Teresa.

É que o dia de hoje, e principalmente a tarde, fica assinalado, para todo o sempre, na minha alma, no meu coração, na minha vida!

—?!...

—Há alguns anos que eu esperava este feliz acontecimento!

—O de andarmos de barco!

—Este passeio é a lógica consequência da realização do meu grande sonho.

—Que era...

—O ter namorado consigo!

—E agora já não sonha?

—Sonho, mas é outro sonho!

—Que também deseja ver convertido em realidade?

—Logo que você esteja de acordo e... seja possível!

—E posso saber qual é esse segundo sonho?

—Pode... e é preciso, mesmo, que o saiba.

—É então o de...

—Casar consigo!

—Ainda hoje principiamos o namoro e já pensa em casar?

—Já aprendi a ser desembaraçado e a não ter papas na língua...

—?!

(Continua)

# MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

Representou Portugal na Conferência da Paz reunida em Haia, em 1889; foi membro do Tribunal Internacional de Arbitragem em 1901.

D. Aires, seu irmão, foi arcebispo de Goa e primaz do Oriente; Bombaim recebeu-o com toda a magnificência, depois de ter ido a Roma e seguido através da Europa a ocupar o seu cargo.

Finalmente, Aires Dornelas e Vasconcelos, seguindo a carreira das armas, dedicou aos assuntos da guerra a sua extraordinária vocação literária.

Partiu para a África em 1895, afim de tomar parte na campanha contra o Gungunhana. Mousinho escolheu-o para chefe do seu estado maior.

Esteve no combate de Magul; participou nas campanhas dos Namarras e de Gaza; no combate de Mojença recebeu ferimentos.

Foi companheiro de bravos e brilhantes colonialistas e heróis de África, como Paiva Couceiro e Azevedo Coutinho.

Voltou a Portugal com Mousinho; assumiu a direcção do "Jornal das Colonias".

Possuía muitas condecorações nacionais e estrangeiras, entre elas a Torre e Espada pelos altos serviços prestados durante as campanhas que se coroaram de glória em Chaimite, Marracuene, Boolela e Macontene.

Desempenhou-se de várias missões ao estrangeiro e veio assumir, em 1906, sob a presidência de João Franco, a pasta da Marinha, acompanhando, como seu titular, o príncipe real D. Luís Filipe, em 1907, na viagem que decorreu triunfalmente de visita à África Oriental e Ocidental.

O muito que ainda devia esperar-se de Aires Dornelas e Vasconcelos, foi violentamente interrompido pelos trágicos acontecimentos de 1 de Fevereiro de 1908.

\* \* \*

Percorrida velozmente, no encadear dos seus mais destacados elementos, a história desta Família, que tem o seu berço comum no lugar e paço de Vasconcelos, Entre Homem e Cávado, pode concluir-se que Salgado de Araújo, autor do *Sumário de Vasconcelos*, não perdeu o seu tempo:

Nascendo onde chegou a hora feliz do nascimento de cada um; morrendo onde foi preciso morrer, os de Vasconcelos foram sempre iguais—no passado e no presente.

Exercendo no mais subido grau o culto de todas as virtudes, sobretudo o das honrosas tradições guerreiras de seus maiores, levantaram ao mais alto esta gloriosa legenda:

**Vasconcelos é Honra!**

Riba-Cávado

Riba-Douro

VI

Os que se acham familiarizados com as crónicas de competições desportivas, hão-de facilmente deduzir desta epígrafe esse mesmo sentido, e com muita razão.

Uma vez que a guerra contra os mouros entrou em franca decadência, a nobreza entrou em velhos ressentimentos e ambições o motivo de agravos e conflitos que se distenderam pelo longo período da dinastia afonsina.

Luta de preponderâncias e de valimento junto dos monarcas: dos de Riba-Cávado, porque cedo vieram marcar uma posição que foi ponto de partida para os subsequentes empreendimentos da fundação do Reino, sem falar do alto e esclarecido sangue de que procediam; dos de Riba-Douro, porque, concorrendo embora depois, tiveram de repelir de mais perto e de posições mais arriscadas as arremetidas infieis, num esforço sobre humano pela dilatação das fronteiras além de ter-lhes sido dada a honra de terem recebido o protegido na meninice o tenro Infante.

(Continua no próximo número)

**ZÓZIMO S. RAMOS**

**MÉDICO**

Consultas, com hora previamente marcada,  
aos sábados e domingos,

Na rua de São Marcos, n.º 127-1.º, em Braga

## Tribuna de Vila Verde

### A Banda Musical de Vila Verde em Amares

Causou grande satisfação em Vila Verde a notícia de que a Banda Musical de Vila Verde toma parte nos festejos de Santo António que se realizam na Feira Nova e cuja fama já ultrapassou as barreiras do norte do país.

Foi também apreciado, com louvor, o facto da comissão de Festas da Feira Nova ter ordenado o seu programa de maneira a que os dias dos seus festejos não sejam os mesmos de Vila Verde.

Desta Vila muitas centenas de pessoas devem descolar-se à Feira Nova a fim de presenciarem os concertos das Bandas de Vila Verde e da Polícia de S. Pública, cujo confronto está a despertar a maior curiosidade entre os aficionados da nobre arte.

As magnificas relações existentes entre os dois concelhos na sequência de uma amizade que vem de longa data, vão ser ainda mais estreitadas com as Festas que se avizinham organizadas por uma esforçada comissão a que preside o nosso amigo sr. José Manuel de Macedo.

### Aquedutos que não dão escoamento às águas pluviais

Já em tempos este semanário noticiou que as águas provenientes das chuvas se acumulavam à boca dos aquedutos de escoamentos, trazendo consigo toda a espécie de detritos. Claro que, além da deterioração causada no pavimento da faixa de rodagem da estrada nacional, impossibilita o peão de poder passar pela faixa que lhe é reservada, acontecendo mesmo os que caminham fora dela serem incomodados com "chapadas" de água atirada pelos veículos

## ARES PARADELA DO RIO

### Do velho Mosteiro de Pitões—anterior a 889

Seguiremos este resumido estudo com o segundo princípio que nos levará à conclusão de que Gládia era beneditino.

Os eremitas Agostinhos não tinham bens de raiz, nem fazendas.

Eram os fieis que o sustentavam com esmolas. São os próprios Autores da Ordem Agostiniana quem o afirma. E entre outros damos testemunho ao Padre Mestre Marques, ao Frei Jerónimo Romão, e ainda ao próprio autor da "Crónica Agostiniana", de que já falamos em artigo precedente.

Poderemos referir algumas palavras do citado Frei Jerónimo Romão, escritas por seu próprio punho no Livro IV da "História Eclesiástica de Espanha"—obra que foi vista e ainda se deve encontrar no Mosteiro de S. to Agostinho, em Salamanca. Tratando o referido Padre dos "Mosteiros que havia em Cordova no tempo dos mouros, e do número de mártires que deles voaram ao Céu, diz que a maioria, quase todos, eram da Ordem Beneditina.

E acrescenta imediatamente:—«Y si algun Monasterio huvo de la Orden de S. Augustin, fué cosa poca, porque entonces—como se advertió—esta Orden no tenía bienes ni rentas, y por esso se acabó con sus Monasterios; y assi, sin duda por aora, no avia religiosos desta Orden por acá. Y no se les haga aspero a los que tienen afficion a que se publiquen della cosas grandes, el no inchiir esta História de algunas que la illustren, por que lo que no se puede provar no se há de dezir; y es ageno de história no dezir verdad, y mi condición no sufre quitar a nadie lo que se le deve, ni honrar a oiro con lo ageno, etc.»

Até aqui as próprias palavras de Fr. Romão, dignas de ponderação e até de imitação.

Dos dois princípios assim autenticados, é fácil argumentar que os Conventos dos eremitas antigos não viviam de outra coisa que não fosse a esmola dos fieis—Ora o Mosteiro de S. Pedro de Trubia tinha bens, fazenda e rendas de que viviam os seus frades.

(Continua na 5.ª página)

## DE PARADELA DO RIO

### Conhecem-no?! Acautelem-se...

Se nos fosse dado compulsar o íntimo de muitos presos, de muitas testemunhas falsas e de tantos criminosos encobertos—teríamos de concluir que há proscritos da sociedade, indesejáveis, pseudo-assassinos a ocupar as celas onde deveria estar *aquele ou aqueles* que concorreram para essas condenações.

Quantas lágrimas sinceras se vertem nos tribunais, quantas e quão verídicas frases de «estou inocente» se baluciam em julgamentos! Quantos juramentos falsos, vinculados com o «perante Deus» para encobrir o verdadeiro criminoso, se desfiam e fazem fé perante a justiça humana!

A inocência desses mártires merece a nossa atenção. A jura falsa desses maltrapilhos, sem coração e sem alma, require a nossa repulsa. A inocência de quem sofre as penas morais e materias não deve ficar assim caída aos pés de verdugos crueis e sanguinários!

—Quantos casos do «Molinos do Urzal» não haverá por esse mundo?!

que passam. Ora isto verifica-se na estrada que atravessa a nossa vila e... francamente não faz sentido. De quem de direito chamamos a atenção.

### E quando se faz a ponte sobre o rio Homem?

O vasto concelho de Vila Verde festejou o 1.º centenário da sua fundação em princípios de Outubro de 1955.

Recordamo-nos todos que, então, além das inúmeras inaugurações de melhoramentos rurais formulou-se o propósito de, no futuro, fazer mais e melhor, mas não só... prometeu-se mesmo. Assim, foi solenemente lançada a 1.ª pedra para a construção do Hospital sub-regional de Vila Verde, no topo norte do Campo da Feira, tendo-se procedido já a demolições para tal feito, bem como lançado foi também a 1.ª pedra para a edificação da tão famigerada ponte sobre o rio Homem.

E quando se faz a ponte sobre o rio Homem? É a pergunta que aflora, espontaneamente aos lábios dos de «aquem e além Homem». Segundo informes recentemente colhidos já foi aprovado por sua Ex.ª o Sr. Ministro das O. Públicas o respectivo projecto.

Aguarda-se agora a participação do Estado, esperando a nossa mui digna Câmara Municipal seja concedida neste ano de 1957.

Oxalá a participação não demore e a ponte seja uma realidade, o que só virá contribuir para o engrandecimento e prosperidade dos dois concelhos vizinhos—Amares e Vila Verde.

(Continua na 4.ª página)

II

—Gemem as grades de presídios, choram orfãos com o pai vivo e as viúvas com marido, os céus clamam justiça.

E é sempre o nosso «personagem» o causador destas misérrimas. E' ele. Foi talvez na Pais barbearia que nasceu uma condenação inocente. Houve aqui conversa em surdina. A cavaliária deu-se. Aquela sinceridade de soalheira e pestilenta, aqueles informes amigos, aquele malévolo «segredo», criaram um processo-crime. A justiça humana formou-se com os informes jurados de consciência deformadas. E lá vai para o cárcere, para o desterro, um homem de bem, honrado e trabalhador...—Quantos casos deste género poderíamos compulsar?!

Se a vítima dos escarvalhos sociais não tem um «cirineu» possante e fiel... se não dispõe de meios que a reabilitem lá fica nos presídios, e acaba por morrer convencida de culpada que era realmente aquilo que inocentemente fora condenada!!!

(Continua na 5.ª página)